abrapso2009@gmail.com

As Jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração?

Karla Galvão Adrião- Profa Depto. Psicologia e Pós-Graduação em Psicologia- UFPE

kgalvaoadriao@hotmail.com

Ricardo Pimentel Méllo– Prof. Depto. Psicologia – UFC

ricardo_pm@uol.com.br

Este texto insere-se no debate mais amplo da mesa redonda "Sujeitos, expressões de subjetividades e dispositivos de saber/poder: compartilhando experiências a partir das temáticas de gênero". O objetivo central da mesa é o de promover diálogos sobre a constituição de agentes, seus modos de expressões, portanto, vivências em contextos de saber/poder, tendo como ponto de partida as temáticas de gênero e seu entrelaçamento com categorias como "classe", "geração" e "orientação sexual".

Para tanto, articulamos a presença de demandas e agendas de jovens no âmbito do movimento feminista brasileiro, realizando análises a partir da categorização de discursos de representantes do movimento de jovens feministas, entre os anos de 2005 e 2006, em encontros nacionais feministas, por considerarmos espaços paradigmáticos de consolidação de agendas e "afinamento" de conceitos e ações: os Encontros Feministas[1].

Esse estudo pode auxiliar na compreensão de tensões e embates de saber/poder, na medida em que buscamos dar visibilidade a algumas interfaces entre gênero e juventude.

1. Como alguns lugares de discurso orientaram nossas escolhas teóricas e metodológicas

Este trabalho apresenta algumas bases epistemológicas necessárias de serem evidenciadas, tendo em vista que as escolhas teóricas indicam o olhar do pesquisador sobre o campo-tema ao qual se debruça, bem como ao diálogo entre o que foi pesquisado e o encontro das análises. Portanto, nos ancoramos no diálogo com **teorias feministas e de gênero** - e com formas de compreender "**atores do feminismo**" a partir dessas perspectivas. Elegemos teorias feministas pós-estruturalistas e teorias de gênero que entendem o mesmo como constituído em relações de poder. Dentre os pontos mais importantes, destacamos:

[1] A pesquisa faz parte das reflexões desenvolvidas na tese de doutorado de Karla Adrião (2008)., intitulada Encontros do Feminismo,

a) **Interdisciplinaridade nas ciências humanas** (Psicologia, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Ciência Política);
b) Moldes de uma **ciência politicamente engajada** em projetos pela equidade de gênero, raça, classe, dentre outras; (compromisso moral, social, cultural, histórico e político);
c) Estudos nos quais **teoria e prática** possam deixar de ser tratados como binários;
d) Defesa do **saber situado e parcial** (Haraway, 1995) e de **posicionamentos** circunscritos em discursos de saber/poder (Foucault, 1985, Butler, 1998);
e) Eleição de métodos de pesquisa qualitativos.

O trabalho de pesquisa embasou-se na Etnografia, a partir de uma descrição densa dos momentos da pesquisa (Geertz, 1989), que implica na busca da contextualização das formações discursivas. Acompanhemos as palavras de Geertz:

> A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas (Geertz, 1989, p. 20).

2. Interseção entre as categorias gênero, juventude e feminismo

Ao estudar agentes do feminismo que buscam legitimidade no campo de ação política, buscamos algumas das tensões internas ao próprio movimento feminista nacional. As Jovens feministas apareceram como grupo que vinha se consolidando nos espaços feministas e que trazia, especificamente, tensões entre gênero e geração.

A participação política das jovens tem se constituído em um grande desafio. De acordo com discursos das próprias integrantes do movimento (Diário de Campo, 2005) elas não encontravam espaço de constituição autônoma nem no movimento feminista, tampouco nos movimentos juvenis. No primeiro, aquelas que se aproximaram ficaram por muito tempo sem ocupar espaços de liderança, pois mesmo que por vezes fossem percebidas como "herdeiras" das conquistas do feminismo, terminavam sendo consideradas como inexperientes, condição esta que só seria alterada se as "feministas históricas"[2] não estivessem ocupando a liderança no movimento. Com relação aos movimentos juvenis a crítica que as jovens pesquisadas fizeram é a de que elas eram destinadas a exercerem funções "na base" ou no trabalho operacional, tendo poucas possibilidades de chegar a ocupar lugares de liderança e poder. Esta crítica é também encontrada em outros trabalhos sobre jovens feministas no Brasil, como o de Julia Zanetti (2008). A autora comenta baseada em Araújo (2001) que

> Esta situação vem se alterando nos últimos anos. No início dos anos 2000, coletivos de jovens mulheres começam a aparecer no cenário nacional. Este é o caso do Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – Espaço Brasil, que começa a ser articulado em 2001 pela Fundação Friedrich Ebert – FES, possivelmente a

[2] Categoria êmica.

> primeira articulação nacional exclusivamente voltado para este público. Também conhecido como Forito, esta é uma articulação de jovens que atuam em diferentes organizações, movimentos e espaços políticos (Zanetti, 2008, p. 08).

A Fundação supracitada já promovia fóruns como países da América Latina, entretanto no Brasil, o crescimento da participação da juventude se consolidou a partir do encontro no Fórum Social Mundial em 2003. Após este momento, grupos nos diversos estados brasileiros começaram a se organizar e a preparar uma estruturação que permitisse entrada nos espaços feministas a partir de um lugar que marcasse a dimensão da geração – a juventude – como aporte. Isto se deu efetivamente no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, ocorrido em outubro de 2005, em São Paulo.

As dimensões do crescimento da participação da juventude no movimento feminista devem ser avaliadas pelo aconteceu durante este encontro, no qual 25% das participantes eram mulheres com menos de 30 anos (Adrião, 2008; Adrião e Toneli, 2008, Zanetti, 2008). Além de participarem como integrantes e na organização do evento, as jovens feministas trouxeram para o 10º Encontro questões próprias, demarcando um campo de reivindicações coletivas – organizadas em um segmento - que nenhuma outra geração jovem anterior havia realizado.

Os movimentos feministas no Brasil passavam, , ou seja, estimularam o debate sobre agentes do feminismo na academia e no ativismo feminista. O centro do debate evidencia que por um lado, estratégias de acesso a direitos alçavam uma "mulher" universal. Em contrapartida, uma das questões que aparecem nos movimentos sociais, após a década de 1980 e particularmente no feminista, é a da diversidade que a categoria "mulher" pode não manifestar, qual seja, a de que diferentes mulheres disputam legitimidade nos espaços dos movimentos feministas, ao mesmo tempo em que questionam o "sujeito mulher" no singular. Sendo assim, as jovens feministas buscam ser reconhecidas como um segmento dentro do movimento. No entanto, a partir desse debate, consideramos que ainda podemos indicar alguns estranhamentos que gostaríamos de discutir nos tópicos seguintes.

3. Tensões evidenciadas pelo campo na relação com as escolhas teóricas: as jovens feministas

Começamos destacando o 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado na cidade de São Paulo, em 2005, por considerarmos tratar-se de momento emblemático.

A partir da década de 1970 até os dias atuais, um fato que contribuiu enormemente para o desenvolvimento interno[3] do movimento feminista no Brasil foi a realização de diversos encontros de mulheres e feministas. Estes últimos surgem, a partir de grupos e organizações de mulheres, ainda na década de 1970 e de ONGs nos anos 1980, e vão se destacando como um espaço de unificação e vivência de unificar um "fazer feminista" dos diversos grupos, no que se refere ao desenvolvimento de redes e trabalhos em conjunto, em torno de uma mesma agenda (Costa, 1981).

Os encontros feministas, nacionais e latino-americanos, caracterizaram-se, desde o início, como espaços de fortalecimento e discussão interna dos passos feministas,

[3] No seio do próprio movimento, como espaço de construção e consolidação de um *ethos* feminista.

agendas e formulações. Porém, mais que isto, estes espaços se conformaram como lugares de exercício de um modo de ser feminista e de fazer feminismo (Diário de campo, 2005 e Costa, 1981). Estar em um encontro é marca de participação, é crédito, cartão de iniciação e fortalecimento de uma (ou muitas) identidade(s) feminista(s). Portanto, organizar e participar destes momentos conformou-se como *lócus* de necessidade e importância para todas aquelas que fazem o(s) feminismo(s) no Brasil, na América Latina e no Caribe (Alvarez et alli, 2003).

Primeiro destacamos a plenária final do 10º Encontro, ocorrida no dia 12 de outubro de 2005, em uma tarde quente de primavera, onde 1400 mulheres reúnem-se para leitura de moções e debate de pontos políticos, demarcando o encerramento do evento. Deste momento, trazemos a leitura da moção das jovens feministas. A ele será dado destaque, na medida em que condensa e dá visibilidade às tensões em torno de quais são os agentes políticos reconhecidos e legitimados pelo movimento feminista. Recuperamos alguns trechos do Diário de Campo:

> Durante a leitura das moções a plenária aplaudi sem parar a desobediência de jovens feministas (categoria pela qual se autodefinem) que tomaram a área central da plenária, onde se situava a mesa de coordenação dos trabalhos, e iniciaram em conjunto a leitura de sua carta de reivindicações. A regra a ser cumprida era a de que apenas uma representante de cada segmento iria ao centro e leria sua carta-moção. Em sua maioria, as cartas moções tinham uma página no máximo, onde se reivindicava maior visibilidade e/ou participação daquele segmento ali representado (foram lidas cartas das deficientes, das lésbicas, das indígenas e das jovens feministas). Voltando à leitura da carta das jovens feministas, rapidamente fez-se uma meia lua, composta por cerca de 30 jovens mulheres da América-Latina e do Caribe. Ovacionadas por sua iniciativa em desobedecer, as jovens feministas iniciaram a leitura de uma carta que trazia para o foco suas especificidades como feministas. Ao meu lado, nas cadeiras ao redor, ouvia outras mulheres comentando, com entusiasmo, que gostariam mesmo de saber quais eram as especificidades das jovens e o que elas queriam. O clima era de festa e de receptividade àquelas novas que vinham trazer "gás" e força às lutas das mulheres, conforme comentários a minha volta. Pela primeira vez na história do feminismo latino ouve-se falar, de forma consolidada, em um grupo de jovens que reivindicam especificidades.

No 10º Encontro, as Jovens Feministas organizaram uma oficina de diálogo e compartilhamento de experiências entre "as jovens e as velhas" feministas[4]. A atividade que não estava prevista na programação, foi impulsionada "a partir de um desejo das mulheres jovens que estiveram no Fórum de Mulheres Jovens, no dia 10 de outubro, durante o 10º Encontro, com o objetivo de troca entre as gerações e de se reconhecer e construir ações comuns" (jovem feminista, diário de campo, 2005). Neste momento, duas a duas, as mulheres de gerações distintas se encontraram para dividir suas

[4] Miriam Grossi (1998) destacou a relação entre jovens e velhas feministas em seu texto "Velhas e novas feministas no Brasil".

experiências de militância, sua entrada no movimento, suas demandas e especificidades. Foi uma tentativa de lançar este diálogo na agenda do movimento proporcionando um debate geracional.

O Fórum de Mulheres Jovens Feministas, citado no parágrafo anterior, ocorreu no dia 11 de outubro, durante o 10º Encontro, e contou com cerca de cem jovens de toda a América Latina e do Caribe. O momento, considerado de articulação, foi importante porque ali se discutiram as demandas, especificidades e estratégias das jovens feministas. Entre estas, destacamos a fala de Fernanda, jovem feminista:

> Ser necessário não construir espaços adultocêntricos e verticais, garantir que as mais diversas jovens expressem suas necessidades e apreensões dentro do processo, além de se trabalhar conjuntamente nos movimentos de juventudes e feministas, sem deixar de pensar, considerando as inter-relações com as demais identidades, raça/etnia, classe social, condições sócio-geográficas, culturais e orientações sexuais (Diário de campo, 2005).

Outro momento do evento a ser destacado é a conversa entre a socióloga feminista Sonia Alvarez e jovens feministas vindas da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Em pé, no meio do pátio central do 10º Encontro, antes de seguirem para mais uma oficina, conversavam sobre a especificidade de ser jovem e feminista. Um dos argumentos trazidos era o do estranhamento da acadêmica com relação a esta categoria, não nova, mas que se reconfigurava de forma tal que pedia por discursos de especificidade como categoria identitária dentro do movimento feminista como um todo.

É importante situar a inclusão dos lugares de imposição de agendas e discussões sociais, tomando a conformação de movimentos de jovens e redes de juventudes neste lócus. Nas duas últimas décadas o que assistimos é a conformação e segmentação de "identidades políticas" e, nestes espaços, os movimentos de jovens têm se tornado cada vez mais participantes do cenário geral. Veja-se, por exemplo, o contexto dos Fóruns Sociais Mundiais, onde o acampamento da juventude é um espaço político de grande impacto internamente e, também, junto à mídia e ao que é veiculado e percebido pela população em geral. Assim, a conformação desse segmento de jovens, vem se agregar de maneira distinta das vivências das feministas jovens das décadas de 1980 e 1990, no Brasil. Existiam feministas jovens, entretanto, neste momento do 10º Encontro, o que parece se delinear segundo as participantes jovens feministas, é um espaço onde "ser jovem" tem um valor/peso de ordem semelhante ao "ser feminista". Entretanto, podemos questionar esta afirmação, visto que o debate durante o 10º Encontro não se concentrou no ato de "medir uma dupla participação", característica de vários outros segmentos dentro do ativismo feminista, e sim no peso que a imbricação de dois significantes, orientadores de dois segmentos específicos – movimento da juventude e movimento feminista – têm quando aparecem juntos

As jovens feministas como "segmento" do movimento feminista pediam por uma especificidade que "incomodava" e que "enaltecia" o espaço do 10º Encontro. Incomodava por não apresentar especificidades concretamente, segundo as "históricas", e enaltecia por mostrar que o feminismo ainda é um movimento atualizado e importante,

ou seja, diante das "desigualdades sociais" que continuam existindo, as jovens se interessam pelo movimento que busca acabar com as injustiças.

A importância das jovens é inegável. Traz à tona a existência de uma hierarquia interna do movimento, na qual quem tem mais tempo ali, ou seja, as "históricas", tem mais respeito e poder[5]. Esta situação, aparentemente óbvia, fundamenta parte das reivindicações das jovens e faz emergir as formas pelas quais as relações no movimento fundamentam-se. Além disso, vem questionar o nível de participação, a "igualdade" de participação e de poder decisório quanto as pautas, já o debate da participação das jovens propõe temas que nem sempre estão na ordem do dia para o movimento, como a preocupação com a concepção e contracepção do ponto de vista da idade fértil e do direito de ter filhos e creches; e a participação "igual" para jovens e "históricas"[6]. As jovens também levantam outro ponto polêmico que é a participação masculina no movimento, concordando, em alguns casos, com a presença dos homens presentes nas reuniões de jovens feministas.

Desestruturam a ordem, ao mesmo tempo em que pedem licença às "mais velhas" para participarem, exaltando o que já foi conquistado e levando em consideração as "lutas" travadas anteriormente. Ou seja, reconhecem os feitos históricos, sem abrir mão de alterações no presente, de forma que sejam não apenas ouvidas, mas tenham acesso aos espaços decisórios. De certa forma, isto já vem acontecendo, visto que uma das jovens feministas estava presente na comissão organizadora do 10º Encontro e o debate sobre as jovens feministas fez parte da programação oficial do evento, tendo uma jovem feminista em cada mesa de debate dos diálogos complexos[7].

As jovens feministas utilizam estratégias de busca de igualdade dentro do movimento ressaltando suas "diferenças específicas". Ou seja, movimentam internamente o feminismo com a inserção de demandas situadas e contextualizadas como "de um movimento jovem". Ao mesmo tempo, percorrem caminhos que outras mulheres de "outros segmentos" já percorreram como foi o caso das negras, indígenas e lésbicas. [8] Trazem a reflexão de volta para a vida interna do movimento feminista acerca da sua unidade, traduzida em termos de "questões da mulher". Levantam o paradoxo em dois sentidos: um deles reforçando a existência da diferença sexual (Scott, 2002), a partir da afirmação de que são feministas e mulheres, unindo-se, dessa forma ao conjunto do movimento; e o outro afirmando a diferença no interior do movimento, ao trazer mais uma desigualdade que se encontrava sem oportunidade de expressão: a de geração. Os percursos deste "novo" segmento auxiliam a compreender as dinâmicas discursivas pelas quais se produzem agentes legítimos do movimento, com demandas aceitas dentro do contexto feminista.

As perguntas dos diálogos complexos podem apontar algumas análises. Com relação a "Feminismo e Juventude" a preocupação central girava em torno da busca de uma

---

[5] Poder no sentido clássico de autoridade e governo.

[6] Termo êmico.

[7] Momento importante dentro do 10º Encontro feminista, no qual, a cada dia, se elencava um grande tema a ser discutido por todas as participantes, em diversas salas, coordenado por mulheres que fossem representantes destas pautas. Dentre os diálogos complexos, houve: um sobre raça e etnia e outro sobre lesbianidade (Fonte: caderno de programação do 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe).

[8] Lembramos que esses segmentos não incluíam a categoria jovem, e existem sem essa consideração, a nosso ver, não por terem superado esse binarismo de jovem-adulto, mas, ao contrário, por revigorá-lo em suas práticas dentro do movimento. Trata-se de uma discussão importante, mas que foge aos objetivos deste trabalho.

plataforma própria que justificasse a especificidade deste “novo segmento”. Quanto ao tema “Feminismo e Racismo”, há o questionamento de se realmente os demais segmentos acoplam as especificidades raciais e as tornam tão importantes quanto a própria categoria mulher – “maior identidade feminista”. Ou seja, torna-se claro que há uma hierarquia interna ao movimento e que o conceito de pluralidade permanece no plano das discussões sem amplas concretizações. Ao mesmo tempo em que o feminismo se faz nas plataformas de ações das reivindicações das mulheres negras, há ainda a necessidade de demarcação deste lugar específico (assim como há para outros segmentos, mas a força de mobilização, produção teórica e tempo de organização “deste segmento” o coloca em lugar de destaque nos debates).

A hierarquia interna também é movimentada pela assunção das “jovens feministas” que declaram haver um jogo de poder no movimento, para o qual “ser histórica” é sinônimo de importante destaque. Embora não seja esta uma autodenominação, há uma caracterização dessa hierarquia por parte daquelas “não históricas”.
As jovens feministas se organizaram “formalmente” e reivindicaram espaço próprio naqueles já consolidados pelo movimento feminista, como buscamos relatar até aqui. Dentre as especificidades demarcadas estão algumas agendas que não vem sendo mais tratadas no seio do movimento como há 20 anos, como a de “ter ou não ter filhos” (contracepção). Mesmo que se mantenha essa discussão, ela segue acrescida de pautas como: necessidade de creches, diminuição da jornada de trabalho. São aspectos trazidos pela experiência dessas jovens neste momento de suas vidas. Aqui a tensão se dá porque as "históricas" questionam a especificidade destas agendas. Há uma disputa por legitimidade e poder nas relações entre diversos segmentos, e mais ainda, há uma disputa geracional que aparece “sem querer ser nomeada”. Nestes termos, Ana (líder do movimento de jovens feministas em São Paulo) diz que colocar o nome “jovem” antes do nome feminista revela uma demarcação de visibilidade: “Ou seja, somos jovens feministas sim e mesmo com toda a ambigüidade que este discurso traz em si, colocamo-nos enquanto segmento dentro do movimento feminista mais amplo (Diário de campo, 2005)”.

4. Tensões entre categoria gênero e geração

Uma aproximação entre feministas de distintas gerações além de um maior interesse e “simpatia” das/os que se dedicam aos estudos feministas, para com as “demandas juvenis” no contemporâneo, torna-se importante. Não somente para uma discussão dos rumos que o feminismo pode tomar nesse início de século, mas também para uma mudança da perspectiva de análise e compreensão sobre o que vem a ser a “condição juvenil”. A crítica mais contundente (Weller, 2005) é a de que as pesquisas sobre juventude continuam operando com definições há muito tempo criticadas nos estudos sobre gênero e relações raciais, ou seja, com uma concepção de juventude como categoria pré-social, caracterizada pela crise biológica e emocional vivida no processo de transição para a vida adulta. Entretanto, torna-se premente trabalhar com a noção teórico-metodológica de que para pesquisar juventudes, é necessário estabelecer diálogos com os próprios grupos sociais, de forma a dar visibilidade aos acontecimentos vividos pelos/as jovens. Pesquisas que articulam gênero, direitos sexuais e reprodutivos e juventude, vêm sendo realizadas por diversos núcleos de pesquisa no Brasil (Toneli et alli, 2006, Scott,Quadros e Longui, 2002, dentre outras). Entretanto, a crítica que Weller (2005) aponta continua como importante, se levarmos em consideração os estudos sobre

juventude em sua interface com políticas e com movimentos sociais, dentre estes, o feminista.

A esse respeito, comenta Mary Castro, que o pouco investimento de pesquisas feministas, na compreensão das culturas juvenis estaria relacionado "ao fato de as mulheres jovens ainda não se constituírem em um coletivo feminista, sujeito social de pressão, sujeitos de uma cidadania ativa juvenil feminista" (Castro, 2004, p. 298). Apesar da pertinência do comentário da autora, podemos perguntar em que medida posições como essa também estariam pautadas em uma visão "adultocêntrica". Será que estas posições também pontuam a organização das jovens a partir de parâmetros que levam em consideração as experiências deles com suas formas próprias de expressão?

Além disso, as jovens feministas alçaram *status* de grupo socialmente organizado. Autodenominadas de "Articulação Brasileira de Jovens Feministas", desde 2006, este coletivo coloca em xeque a existência de discursos "adultocêntricos" nas arenas feministas nacionais, apontando questões de saber e poder importantes. O "surgimento" deste segmento, além de trazer especificidades "dentro" do próprio movimento feminista nacional, remete ao interesse em se fortalecer a interface entre estudos feministas e estudos sobre juventude na academia.

Consideramos que os vetores de força – gênero e geração- são constituídos por dispositivos de saber/poder que atravessam a vida das pessoas tanto no que se refere a suas demandas específicas entrelaçadas às redes de relações que participam. Dentre estas, o contexto dos movimentos sociais (na busca por políticas públicas de acesso a direitos) configuram *lócus* privilegiados que evidenciam/ocultam relações de saber/poder no âmbito do gênero.

Os jogos discursivos que buscamos analisar, evidenciam, em relação a um *status quo* dentro do campo feminista nacional, um paradoxo pelo menos em duas direções: um deles reforçando a existência da diferença sexual (SCOTT, 2002), a partir da afirmação de que são feministas e mulheres, unindo-se, dessa forma ao conjunto do movimento feministas e às mulheres como categoria universal; e o outro afirmando a diversidade no interior do movimento, ao trazer mulheres que têm suas reivindicações específicas e que se encontravam excluídas. Incluem a categoria "geração", para o todo do movimento feminista. Portanto, estudar alguns dos percursos deste "novo" segmento auxilia a compreender as dinâmicas nas quais se produzem agentes no contexto feminista.

Sem dúvida dentre os jogos de poder-saber que este "segmento" trás para o movimento feminista, haverá linhas de fuga e resistência ao idêntico. Cabe a nós, em nossas pesquisas, irmos pontuando essas nuanças.

Parafraseando o resumo da mesa redonda para a qual este trabalho fez parte, afirmamos que, ao nos determos na produção dessas inteligibilidades plurais, buscamos lidar com alguns dos desafios e impasses colocados por nossos campos de pesquisas. Esperamos ter trazido possibilidades de questionamentos e indagações.

Referências Bibliográficas

ADRIAO, Karla Galvão and TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. ***Psicol. Soc***. [online]. 2008, vol.20, n.3, pp. 465-474. ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822008000300017

ADRIÃO, Karla Galvão. Encontros do Feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Tese de Doutorado. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008, 301 p.

ALVAREZ, Sonia ET alli. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. In: ALVAREZ, Sônia, FARIAS, Nalu e NOBRE, Miriam (orgs) Dossiê feminismos e Fórum Social Mundial. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis: Ed. UFSC, vol. 11, n. 2, 2003, ps. 541-575.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: O feminismo e a questão do "pósmodernismo". **Caderno Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.

CASTRO, Mary Garcia. "Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes". In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 275-303.

COSTA, Ana Alice. **Avances y definiciones del movimiento feminista en Brasil**. Tesis para obtener el grado de maestria en Sociología. México: facultad de ciencias políticas y sociales. División de estudios superiores, 1981.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIOVANNI, Julia. D. Ruiz. Jovens, feministas, em movimento: a marcha mundial das mulheres no III acampamento intercontinental da juventude. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 11, n. 02, 2003, PP. 655-660.

GROSSI, Mirian. P. Velhas e novas feministas no Brasil. *Antropologia em Primeira mão, 28*. 1998.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

SCOTT, Joan *A cidadã paradoxal*: *as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SCOTT, Russell Pary, QUADROS, Marion. e LONGUI, Márcia. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. In: **Revista Brasileira de Estudos de População,** v.19, n.2, jul./dez. 2002

TONELI, Maria Juracy, GALVÃO ADRIÃO, Karla; PERUCCHI, Juliana; BEIRAS, Adriano y TAGLIAMENTO, Grazielle. Paternidad y juventud: investigando El universo de estratos populares em El sur de Brasil. **Revista de estúdios de genero La ventana**, n. 23, Universidad de Guadalajara, Mexico, 2006, pgs. 213-236.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 13, n. 01, 2005, p. 107-126.

WELLER, Wivian. (Org.) Seção Temática Gênero e Juventude. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 13, No 1, 2005.

ZANETTI, Julia Jovens Feministas: um estudo sobre a participação juvenil no Feminismo. In: **anais Fazendo Gênero 8,** Florianópolis, SC, 2008., p.10.